

## PREFÁCIO

O ÍMPETO PARA ESTE PROJETO VEIO DE UM TRABALHO HISTÓRICO MAIS AMPLO EM que estou envolvido há mais de três anos, intitulado provisoriamente *Por uma Igreja Contínua: Discordância Conservadora na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, 1934-1974*. Essa obra maior enfoca o movimento conservador dentro da Igreja Presbiteriana do Sul que levou à formação da Igreja Presbiteriana da América (PCA), denominação da qual faço parte. Essa obra poderia ser considerada uma espécie de arqueologia histórica. Nela procuro encontrar os contornos da “mente presbiteriana conservadora” ao desenterrar muitos dos ossos de sua história nas camadas subterrâneas de jornais presbiterianos e antigos arquivos pessoais, registros de igrejas e atas da Assembleia Geral. À medida que faço esse trabalho, as perguntas que se destacam em minha mente são: Como a Igreja Presbiteriana da América se tornou o que é hoje? Qual a conexão entre a maneira pela qual se desenvolveu o movimento conservador na antiga Igreja Presbiteriana do Sul e a maneira como a PCA vive e respira como igreja de Deus que realiza a obra do Reino nos dias atuais?

Essas indagações históricas me levaram a uma questão mais premente que tenho enfrentado como presbítero docente da PCA: As igrejas presbiterianas conservadoras, conforme representadas em minha denominação, assumem sua identidade presbiteriana? Ou outras ideias, práticas e narrativas servem para moldá-las? Uma forma de ler a história da PCA, que examinarei mais de perto na minha argumentação histórica mais ampla, é que se trata da transição, aos trancos e barrancos, de uma identidade essencialmente evangélica conservadora, até mesmo fundamentalista, para uma identidade mais especificamente presbiteriana. Em outras palavras, pode-se ler a história da PCA como uma tentativa de responder a pergunta: O que significa ser um presbiteriano (conservador) na era pós-moderna?

Não é de admirar que presbiterianos mais conservadores se debatam com essa questão nos dias atuais. Os últimos trinta anos, que coincidem com a existência da PCA até o presente, não têm sido amigáveis com denominações de nenhuma estirpe. De um lado, ocorre uma forte

hemorragia nas denominações protestantes mais antigas. Do outro, há o rápido crescimento de igrejas não denominacionais ou de filiação mais solta. Em nenhum lugar esse contraste está ilustrado de modo mais visível que em Louisville, Kentucky, onde residi por vários anos. Louisville é a cidade onde está a sede da *Presbyterian Church (USA)*, com sua burocracia inflada e lamentação pública pela perda de membros. É também a sede de uma das maiores igrejas não denominacionais dos Estados Unidos, a Southeast Christian Church, com mais de 22.000 membros. No domingo de Páscoa de 2003, mais de 35.000 pessoas foram ao culto na Southeast, deixando diminuta a frequência conjunta de todas as igrejas protestantes tradicionais da cidade.

Essa tendência para o não denominacionalismo tem produzido diversas respostas. Dentro do protestantismo tradicional, numerosos livros procuram reforçar a identidade denominacional. No final dos anos 80, por exemplo, a Fundação Lilly Endowment Inc. patrocinou uma série de seis livros intitulada *The Re-forming Tradition* (“A tradição re-formante”), que procurou abordar o declínio protestante tradicional conforme estava ocorrendo na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América – a PC(USA). Mais recentemente, a casa publicadora da PC(USA) publicou livros como *To Be a Presbyterian* (“Ser presbiteriano”, 1996), *What Unites Presbyterians: Common Ground for Troubled Times* (“O que une os presbiterianos: bases comuns para tempos conturbados”, 1997), *Presbyterians: a Spiritual Journey* (“Presbiterianos: uma jornada espiritual”, 2000), *Being Presbyterian in the Bible Belt* (“Sendo presbiteriano no cinturão da Bíblia”, 2000) e *This We Believe: Eight Truths Presbyterians Affirm* (“Nisso cremos: oito verdades que os presbiterianos afirmam”, 2002). Ainda assim, a igreja perde membros em um ritmo impressionante. Em outras denominações, como a Convenção Batista do Sul, essa busca de identidade tem sido muito forte. Dois livros intitulados *Why I Am a Baptist* (“Por que sou batista”) foram publicados com um ano de diferença por grupos rivais dentro daquela denominação, cada qual apresentando uma versão diferente da identidade batista. Semelhantemente, a Igreja Luterana-Sínodo de Missouri publicou recentemente *Why I Am a Lutheran* (“Por que sou luterano”, 2004) no esforço de explicar aos de dentro e aos de fora da igreja em que consiste o luteranismo.

Dentro do presbiterianismo conservador tem havido diferentes respostas. Por exemplo, a Igreja Presbiteriana da América (PCA) passou vários anos elaborando um plano estratégico para a denominação, finalmente apresentado na Assembleia Geral (Supremo Concílio) de 2003. Contudo, não ficou claro se esse plano tem impactado mais amplamente a vida

denominacional fora dos escritórios da PCA em Atlanta. No âmbito local, muitas igrejas da PCA deixam de fora o nome “presbiteriano” com medo de serem confundidas com a PC(USA), que é teologicamente muito mais progressista. Isso faz com que muitas igrejas da PCA se pareçam mais como as igrejas não denominacionais. Outras retradicionizam os presbiterianos conservadores, enfatizando a tal ponto suas diferenças em relação ao evangelicalismo majoritário que a palavra “evangélico” se torna quase um palavrão. Ainda outros, dentro e fora da PCA, dizem que não basta ser reformado, produzindo revisões no culto e na doutrina presbiteriana em linhas mais sugeridas pelo Concílio Vaticano II e pela teologia pós-liberal do que por João Calvino, a Assembleia de Westminster ou mesmo a história do presbiterianismo nos Estados Unidos. Assim, a busca de uma identidade presbiteriana conservadora tem se movido na direção do evangelicalismo, contra ele ou para além dele, especialmente em suas formas não denominacionais ou paraeclesiásticas.

Essa questão de identidade torna-se especialmente premente em nível local, quando pessoas de outras tradições protestantes se filiam a uma igreja presbiteriana conservadora. A história comum a muitos membros da PCA é que foram criados em igrejas do tipo batista, lá ou em outros lugares se encontraram com Cristo, passaram a compreender as “doutrinas da graça” e descobriram que essas doutrinas eram ensinadas com clareza dentro de uma igreja da PCA, à qual então se filiaram. Contudo, muitos de nossos membros, até mesmo alguns oficiais, não possuem um entendimento sólido do que significa ser presbiteriano. Passando de uma igreja para outra, eles ainda não aprenderam as narrativas, traços distintivos e práticas de seu novo lar espiritual. O resultado é que nossos membros muitas vezes têm dificuldade em explicar aos seus amigos e familiares por que eles pertencem a uma igreja presbiteriana e por que seus amigos também deveriam vir e fazer parte dessa igreja.

O intuito deste livro é ser uma cartilha sobre a identidade presbiteriana. Não foi escrito para especialistas ou acadêmicos, e sim para membros de igrejas, candidatos ao ministério, presbíteros regentes e, especialmente, presbiterianos em potencial. Não é uma obra polêmica que visa promover um ponto de vista particular em áreas nas quais os presbiterianos conservadores têm diferenças legítimas de opinião (por exemplo, na questão dos estilos de culto). Ao invés disso, pretendo ficar ligado de perto à Bíblia, aos documentos constitucionais da PCA e aos documentos oficiais ao expor o que os presbiterianos creem, fazem e dizem sobre si mesmos. Nas seções intituladas “Leituras adicionais”, apresentarei listas de livros que representem um conjunto mais amplo de perspectivas, deixando que o leitor

examine as questões por si mesmo. Como este livro procura ser útil para classes de novos membros, bem como para atividades da Escola Dominical e de treinamento de oficiais, ofereço perguntas para reflexão e recapitulação no final de cada capítulo. Além disso, cadernos de exercícios individuais e apresentações de PowerPoint para professores podem ser baixados gratuitamente de meu site: [www.seanmichaellucas.com](http://www.seanmichaellucas.com).

Não tenho a intenção de ressaltar as diferenças entre os presbiterianos e outros evangélicos. Conforme vejo, o rótulo “evangélico” procura comunicar certa atitude ou estilo de vida “orientado pelo evangelho”. Os evangélicos reconhecem o significado histórico global da morte e ressurreição de Jesus Cristo para suas vidas, e almejam ver outros usufruindo de comunhão com ele. Esse reconhecimento de que o evangelho de Jesus transforma todas as coisas confere um determinado estilo ao ministério das igrejas evangélicas, independentemente de suas posições confessionais ou dos rótulos que utilizam. Os presbiterianos são evangélicos por nossa orientação ligada às Boas Novas, que se expressa em nossa pregação, testemunho e vida comunitária. Tendo dito isso, como presbiterianos nós temos algumas perspectivas e práticas diferentes de outros evangélicos. Temos também uma história que faz parte da história “evangélica”, mas ao mesmo tempo é distinta dela. O reconhecimento dessas diferenças ajudará a entender o que significa ser presbiteriano.

Ninguém jamais faz uma viagem importante sozinho. Não sou exceção. Os meus pais, Stephen e Susan Lucas, agora também são membros de uma congregação da Igreja Presbiteriana da América, tendo feito sua própria jornada até esse lugar. Embora não tivéssemos começado como presbiterianos, sou grato pelo amor que eles têm pelo Deus trino e por sua Palavra, que nos conduziu a todos nessa jornada, ainda que por caminhos diferentes. Também sou grato pelo apoio de meus sogros, Ron e Phyllis Young, que não são presbiterianos, mas nos lembram do amor de Cristo e da comunhão mais ampla dos santos.

Os amigos que me encorajaram na viagem têm sido importantes. Steve Nichols, grande amigo desde o seminário, tem participado dessa jornada. D. G. Hart, meu mentor no Seminário Teológico Westminster, ensinou-me a amar as histórias presbiterianas. Bruce Keisling apoiou o meu trabalho quando eu passava por águas profundas. Shawn Slate, Jonathan Medlock e John Roberts viveram todos o presbiterianismo comigo e para mim. Meus amigos e colegas no Seminário Teológico Covenant têm me ensinado sobre o presbiterianismo centrado na graça; tem sido um prazer estar aqui. Wayne Sparkman, diretor do Centro Histórico da PCA, deu-me a mão muitas vezes no decurso da escrita deste trabalho. Sou grato a Bryan Chapell, D. G. Hart,

Robert Peterson e Michael Williams, que leram partes deste livro em seus estágios iniciais e fizeram valiosos comentários.

Agradeço às igrejas que se dispuseram a interagir com este material. Quanto a isso, agradeço em especial meus amigos da Community Presbyterian Church (PCA), de Louisville, Kentucky, onde o projeto teve sua primeira gestação, e a Covenant Presbyterian Church (PCA), de Saint Louis, Missouri, cuja interação levou ao refinamento do material. Tem sido uma bênção servir essas duas igrejas, bem como aprender sobre o presbiterianismo aos pés de dois excelentes pastores e líderes da igreja, David Dively e George Robertson.

Pela graça de Deus, minha família cultua a Deus dentro dos limites da Igreja Presbiteriana da América. Com profunda gratidão, este livro é dedicado a minha esposa, Sara, que me pediu, logo que nos casamos, que eu não a deixasse para trás em minhas jornadas intelectuais e espirituais, mas sempre me certificasse de que estivéssemos andando lado a lado. Foi um pedido sábio e, pela graça de Deus, temos caminhado juntos. O que talvez ela não saiba é que, pela providência divina, eu jamais poderia ter trilhado esse caminho sem ela. Nossos quatro filhos da aliança – Samuel, Elizabeth, Andrew e Benjamin – tem se aliado a nós nessa jornada, memorizando os catecismos, aprendendo hinos dos hinários Trinity e RUF, cantando salmos do Saltério Trinity e participando da vida da igreja visível. É minha oração que nossa vida juntos os levará a ensinar os seus próprios filhos sobre as convicções, práticas e histórias que nós presbiterianos amamos – especialmente o gracioso evangelho de nosso Senhor Jesus:

a fim de que a nova geração os conhecesse,  
 filhos que ainda não de nascer se levantassem  
 e por sua vez os referissem aos seus descendentes;  
 para que pusessem em Deus a sua confiança.  
 (Salmo 78.6-7 ARA)